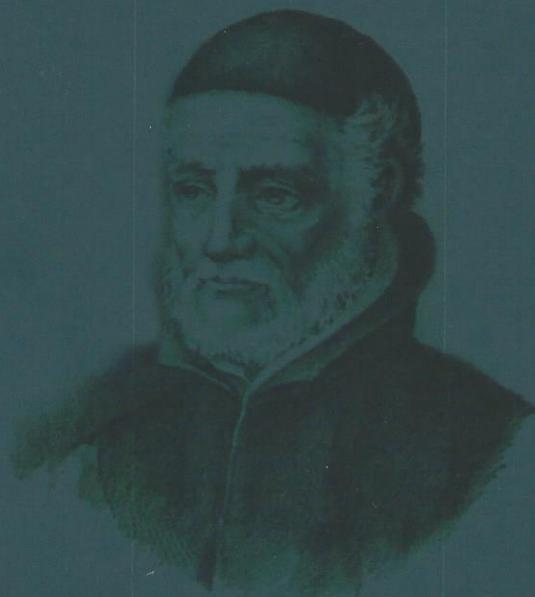


ESTUDOS  
SOBRE  
O PADRE  
ANTÓNIO VIEIRA

II

PENSAMENTO E AÇÃO: O QUINTO IMPÉRIO



IMPRESA NACIONAL

# ESTUDOS SOBRE O PADRE ANTÓNIO VIEIRA

## ORGANIZAÇÃO

ANA PAULA BANZA  
ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO  
CRISTINA PIMENTEL  
ISABEL ALMEIDA  
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL



## PREFÁCIO

ANA PAULA BANZA

IMPRENSA NACIONAL

LISBOA

2017

co do	
EL...	307
uinto	
....	323
n the	
....	331
REAL	361
ónio	
....	381

## PREFÁCIO

### **O Quinto Império — Pensamento e ação no Padre António Vieira**

*Não é possível compreender adequadamente muitos aspetos da história e da cultura portuguesas dos séculos xv a xvii sem ter em conta as profundas correntes milenaristas que transversalmente as atravessaram; e tão-pouco é possível compreender Vieira fora deste quadro.*

*Efetivamente, o pensamento e a ação vieirinos são, não apenas marcados, mas fortemente condicionados por uma visão profética da História. Esta peculiar visão da História e dos destinos últimos da Humanidade inspirou o seu pensamento e toda a sua atividade como escritor, como político e diplomata, e como religioso e missionário. Na verdade, política e religião assumem-se em Vieira como uma forma de pôr em prática esta visão do mundo e a sua obra profética surge como o tratado em que ela deveria ser divulgada e fundamentada.*

*Assim, se, por um lado, a doutrina quinto-imperial de Vieira só pode ser adequadamente compreendida se for vista à luz das correntes milenaristas europeias da sua época, por outro, o seu pensamento e ação, tantas vezes polémicos, só podem ser adequadamente compreendidos à luz da sua teoria quinto-imperial. É à luz desta teoria que se compreende o fantástico projeto para o Mundo e para a Humanidade exposto na obra profética; é à luz desta teoria que se compreende a sua ação em defesa dos Judeus, enquanto atores de destaque no futuro Reino de Cristo na terra ou em defesa dos Índios, gentios que urgia converter para que o Reino de Cristo pudesse, em breve, estabelecer-se na terra.*

O profetismo de Vieira não é, pois, na sua raiz, original, porquanto se enquadra no espírito da época e tinha, em Portugal e na Europa, muitos seguidores, a par dos céticos, adeptos dos novos movimentos científicos. Não é, portanto, aí que reside a sua singularidade. Tal singularidade vem daquele que é, sem dúvida, um dos traços mais marcantes da sua personalidade e que resulta da forma como fez a síntese entre o misticismo medieval e o cienticismo nascente, numa genial demonstração da paradoxalidade do seu caráter, simultaneamente místico e empreendedor: por um lado, a raiz cultural medieval, o estilo que radica na escolástica seiscentista e a valorização de interpretações cabalísticas, astrológicas ou outras, tão abundantes na literatura profética do período da Restauração, que Vieira cita e usa como fontes; por outro, a importância atribuída à experiência e muitas das suas ideias políticas e sociais, indiscutivelmente modernas; por um lado, a crença nos ocultos desígnios divinos, por outro a crença na autodeterminação humana.

De qualquer forma, a teoria quinto-imperial vieirina, que preconizava o advento do Reino de Cristo consumado na terra, era sobretudo uma visão profética do futuro, não uma tese científica, baseada na interpretação de profecias, antigas, como as de S. Frei Gil, autor medieval do século XII, e recentes, como as de Bandarra, o sapateiro de Trancoso que viveu no século XVI, entre muitas outras, de caráter e valor muito heterogêneos, cuja divulgação Vieira assumia como missão e que proclamavam para breve a instauração do Reino de Cristo na terra ou Quinto Império do mundo, seguindo-se aos dos Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

Desta visão profética fazia parte a crença, pouco ortodoxa e verdadeiramente original, de que o «Encoberto» seria D. João IV, o príncipe português que, aniquilando os inimigos contumazes da fé e convertendo todo o mundo à fé cristã e católica, criaria as condições para a instauração do Reino de Cristo consumado na terra, do qual assumiria a liderança temporal, sendo a liderança espiritual assumida pelo Papa de Roma.

Este seria um reino de fraternidade universal, que uniria todos os homens e duraria mil anos. Só então chegaria o Anti-Cristo, a batalha final entre o bem e o mal e a consumação dos séculos.

Utopia ou esperança justificada? Esperança piedosa e digna de um sacerdote ou ofensiva da Igreja? O próprio Vieira, nos parágrafos ter-

o primeiro e quarto da questão 1.<sup>a</sup> da Representação Segunda perante o Tribunal do Santo Ofício\*, descreve a sua visão do Quinto Império, identificando a sua esperança com a da própria Igreja:

*Consiste a diferença e perfeição deste estado consumado da Igreja, em que todo o mundo se converterá e universalmente será cristão; em que todos os Cristãos, pela maior parte, serão mui observantes da lei divina; em que todos os Príncipes e nações viverão em paz segura, cessando totalmente as armas e guerras; e em que, neste felice tempo, sendo mais copiosa a graça, se encherá o número dos predestinados em todas as gentes; e este será finalmente o que com toda a propriedade se chamará Reino e Império de Cristo, por ser então o mesmo Cristo o que só reinará em todo o Mundo, sendo conhecido, adorado e obedecido de todos.*

*[...] Não é minha esta opinião, nem é minha esta esperança, nem é meu o invento deste novo e futuro estado do império completo e consumado de Cristo, posto que seja meu, e só meu, o estudo e diligência que, de muitos anos a esta parte, tenho posto no descobrimento deste tesouro, entendendo que verdadeiramente o era, e mui precioso, pois está encerrada nele tanta glória de Deus, tanta exaltação do nome de Cristo, tanta dilatação da fé, tanta salvação de almas e tanto aumento, paz, união, reformação e graça de sua Igreja. Isto é o que a mesma Igreja, em todas as orações, públicas e particulares, está pedindo a Deus continuamente; e toda a desgraça deste infelice assunto foi cuidar eu que esperava e dizia nele que há Deus de conceder em algum tempo à sua Igreja aquilo que ela lhe pede. A primeira coisa que pedem a Deus, na missa, os Sacerdotes a quem ele faz mercê de a poderem dizer, e a primeira por que oferecem aquele soberano sacrificio no lugar mais sagrado dele é: In*

---

\* *Representação Perante o Tribunal do Santo Ofício*, 2 vols. Edição crítica, estudo introdutório, fixação do texto, aparato crítico e notas de Ana Paula Banza, Lisboa, INCM, 2008, vol. II, p. 11.

*primis pro Ecclesia tua, sancta, catholica, quam pacificare, custodire, adunare et regere digneris toto orbe terrarum, una cum famulo tuo pappo nostro. Esta é a primeira oração do Canon. E este é, conforme todas suas cláusulas, o assunto e matéria do império completo e consumado de Cristo, a que, por palavras mais breves, chamamos Quinto Império. Nas palavras adveniat regnum tuum fiat voluntas tua sicut in caelo et in terra, como as entendem muitos Padres e intérpretes, torna a fazer a Igreja a mesma petição.*

*A esperança de Vieira no advento do Quinto Império era, pois, no fundo, a esperança da Igreja e a esperança de todos os cristãos e, se é certo que a visão vieirina do Reino de Cristo na terra tinha alguns aspetos heterodoxos, particularmente as características milenaristas e lusocêntricas, não é menos verdade que, expurgada desses aspetos circunstanciais, a ideia de um futuro de paz e fraternidade universais sob a égide de Cristo continua a ser, nos dias de hoje, uma ideia consoladora.*

*O volume que o leitor tem entre mãos reúne um conjunto de textos que, sob diferentes perspetivas, tratam o tema do Quinto Império em Padre António Vieira: uns situando-o no quadro da cultura portuguesa e europeia da época, outros analisando as suas peculiares características e o seu reflexo na vida e na obra do jesuíta, nomeadamente nas cartas e nas chamadas «obras proféticas», outros ainda transportando-o para a atualidade.*

*Trata-se, pois, de uma obra que, pela diversidade dos autores e das perspetivas, oferece uma leitura estimulante para os admiradores e estudiosos de Vieira e/ou da temática quinto-imperial, mas também para o público em geral. Assim possa ela frutificar: junto dos especialistas, em renovados estudos; junto dos leigos, em renovadas razões para ler Vieira.*

ANA PAULA BANZA